

O ARTESANATO

NO

CONCELHO DA MOITA

Índice

Nota de Abertura	<u>4</u>
Introdução	<u>6</u>
Perspectiva Histórica do Artesanato	<u>7</u>
O que se Entende por Artesanato	<u>9</u>
O Artesanato no Meio Local	<u>11</u>
Análise Conclusiva	<u>12</u>
Depoimentos dos Artesãos	<u>14</u>
• Arraiolos	<u>15</u>
• Azulejaria	<u>16</u>
• Barcos Tradicionais do Tejo em Miniatura	<u>20</u>
• Cestaria	<u>30</u>
• Construtores Navais	<u>33</u>
• Ferreiro Naval	<u>37</u>
• Instrumentos Musicais	<u>39</u>
• Latoaria	<u>42</u>
• Miniaturas em Madeira	<u>44</u>
• Nós de Marinheiro	<u>47</u>
• Olaria	<u>49</u>
• Redes de Pesca	<u>51</u>
• Tecelagem	<u>53</u>
• Veleiros Náuticos	<u>55</u>
Nota Final	<u>57</u>
Anexos	<u>58</u>
• Gráfico nº 1 (Idades dos Artesãos)	<u>59</u>
• Gráfico nº 2 (Habilitações Literárias)	<u>59</u>
• Gráfico nº3 (Ocupação Principal dos Artesãos)	<u>59</u>
Centros de Actividades Artesanais no Concelho da Moita	<u>60</u>
Localização das Actividades Artesanais no Concelho da Moita	<u>61</u>
Roteiros	<u>62</u>
Bibliografia	<u>62</u>

Ficha Técnica

Autoria: Maria Clara Curado dos Santos

Título: O Artesanato no Concelho da Moita

Recolha: Realizada no ano 1989 e 1997

2ª Edição: Câmara Municipal da Moita
DASC – Divisão de Acção Cultural

Tiragem: 2 000 exemplares –1998

Fotografia: Jorge M. Feiteira da Silva

Capa: Luís Coelho

Tipografia: Regiset

Depósito Legal: 127455/98

"Raramente, pois, nos lembramos do homem que, perdido na grande massa, votado a um trabalho humilde, não se limitou a viver a vida restrita dos instintos, "cadáver que procria", e também nos deixou a sua herança espiritual, pequenina e modesta embora, mas com direito de ingresso no grande Museu Humano. É que, a par das artes chamadas nobres, existe, igualmente, a arte popular, que não é uma manifestação colectiva mas a obra de alguns com o reflexo e concretização do sentir comum. Vem das trevas dos tempos, é inata no homem, esta necessidade de reproduzir o que vê, através do desenho e da pintura, ou de esculpir em objectos de uso diário e figuras reais ou de fantasia."

In Mensário Administrativo. N.ºs. 192-197 Julho/Dezembro 1963,
Luanda, Edição do Centro de Informação e Turismo de Angola, p.15.

Mostra de muitas tradições e prova de muitas artes a que os nossos antepassados tinham que recorrer para buscar o sustento de famílias inteiras, o artesanato continua a ser uma expressão artística com elevado cunho cultural e económico.

Com a reedição de "O Artesanato no Concelho da Moita", sem querer ter grandes pretenciosismos, pretende a Câmara Municipal pelos seus serviços de Acção Social Cultural, continuar a manter viva a lembrança dos nossos concidadãos, do que foram e são ainda, alguns dos hábitos dos nossos munícipes.

Este documento é mais um polo de encontro com os que se mostram interessados pelas realidades da nossa terra e será a reafirmação de mais um contributo para a compreensão da nossa história e da nossa vivência locais.

*O Vereador da Cultura
José Manuel Lopes Fernandes*

Introdução

"O artesanato entra dentro do conceito de legado de tradições, usos e métodos, assim como de sentimentos e de valores estéticos e culturais acumulados por um processo histórico em permanente evolução." ¹

O presente trabalho tem o intuito de divulgar as artes e os ofícios característicos da zona da Moita, alguns dos quais se encontram em vias de extinção, devido à concorrência que sofrem por parte da produção industrial que o desenvolvimento tecnológico torna mais rentável e a baixo custo, subvertendo, desse modo, a produção caseira e manual.

Entendido o artesanato ainda como expressão identificativa do nosso património cultural, pretendemos com este trabalho consciencializar, assim como sensibilizar as pessoas, sobretudo os mais jovens, da necessidade de preservar e defender com uma urgência determinadas actividades artesanais, minorando-se o risco de as perder, pois o valor de cada uma peça não está só na sua beleza estética, mas na sua capacidade de testemunhar as vivências tradicionais. O artesanato tem que ser visto como um conjunto cultural complexo que envolve formas de pensar, sentir e exprimir a realidade circundante e cujo valor antropológico não pode ser negligenciado. Importa, por isso, não perder estes elementos, o que significaria perder em parte a nossa própria existência e viver-se como um estranho na sua própria terra. Assim, a produção de artefactos, fruto de uma longa experiência, transmitida de geração em geração, impõe-se hoje como algo a preservar, de forma a salvaguardar esse património que faz parte da nossa "Memória Colectiva".

¹ Montalvo, Manuel -"Perspectivas do Desenvolvimento da Indústria Artesanal" in Actas do Colóquio sobre Artesanato. Coimbra, 8 a 11 de Novembro de 1989, p.118

Perspectiva Histórica do Artesanato

Uma das grandes características do Homem é a sua aptidão para produzir objectos, pois à medida que as suas capacidades intelectuais se vão desenvolvendo, vai fabricando artefactos que respondem às suas necessidades mais prementes. Esta destreza manual acompanhada de um progresso cognitivo tomou-se uma etapa decisiva no processo de hominização que marcou profundamente a vida cultural do homem. Entretanto) com o decorrer dos séculos apercebemo-nos que as técnicas de trabalho vão-se desenvolvendo, o que vai dar origem a verdadeiros métodos de trabalho, surgem, então, os ofícios, tais como a cestaria, a cerâmica, a tecelagem e mais tarde a metalurgia e a construção naval. Tal como tinha acontecido com o fogo e com a roda, o aparecimento destas actividades encontram-se ligadas às necessidades de sobrevivência. Aliás, sobre este assunto Belarmino Afonso refere que: "Prender um animal, o cabo de uma ferramenta, construir a cabana, tecer vestuário, fabricar armadilhas, são actividades de todos os tempos, e que cintilaram no cérebro do homem quando este teve urgência de resolver situações concretas." ¹

Ainda a este propósito, saliente-se que o desenvolvimento das forças produtivas estão na origem do aparecimento dessas actividades artesanais, na medida em que no momento que se começa a assistir a uma produção de excedentes, toma-se possível a libertação de braços para outro tipo de trabalhos, além do agrícola. Na sequência desta alteração sócio-económica, os produtos oficinais passam a ser objecto de comercialização, atingindo estes um grande desenvolvimento na Antiguidade Clássica, uma vez que o senhor começa por vender os artefactos produzidos pelos seus escravos, facto que lhe permitia arrecadar réditos apreciáveis. Mais tarde generaliza-se a prática, de o próprio escravo tomar a iniciativa de vender os seus produtos, tendo, neste caso, por base um empréstimo, feito, na maioria das vezes, pelo seu senhor. Daí verificarmos, frequentemente, durante esse período, a existência de artesãos economicamente livres e juridicamente escravos.

Com a desintegração do Império Romano no Ocidente, a economia urbana decaiu, certos produtos artesanais deixam de ser produzidos, devido à falta do poder de compra da maioria da população, a vida torna-se simples e as necessidades não excedem os recursos locais. O grande domínio, os "villae" transformam-se em unidades económicas autosuficientes, de modo que toda a produção artesanal adquire um carácter doméstico, ao serviço do seu senhor. No seio de uma sociedade fortemente hierarquizada são os artesãos que abastecem o domínio com os seus produtos quer no que respeita às alfaias agrícolas, quer no vestuário ou outro tipo de adornos.

A partir do século X, com o desenvolvimento do comércio, muitos artesãos rurais atraídos pela vida urbana fixam-se nesses centros, sob a protecção do príncipe da cidade, cujo poder se vai sobrepondo ao dos senhores territoriais. Estes centros tronam-se, assim, locais geradores de uma produção de mercadorias para uso imediato, já que o artesanato produzido por esses artesãos visa não só sustentar a população citadina, mas também fornecer artefactos necessários ao senhor do domínio e à sua população rural.

Entretanto, os artesãos enquanto produtores e vendedores dos seus próprios produtos, começam por sentir necessidade de se agruparem em corporações, a fim de defenderem os

¹ Afonso, Belarmino - "A Cestaria um Trabalho Artístico e Artesanal das Nossas Terras" in Brigantia nº 1, Vol.1, Abril - Junho de 1981, p.17

seus direitos da concorrência de elementos estranhos. Estes grupos, formados por indivíduos especializados num determinado ofício, detinham uma hierarquia interna própria e uma disciplina colectiva, cujas normas regulamentavam e defendiam a produção e as trocas comerciais. Refira-se, no entanto que o trabalho desenvolvido por essas unidades de produção continuava a deter um carácter familiar, na medida em que era desempenhado pelas famílias e por alguns aprendizes que se transformavam em artesãos, depois de um determinado tempo de aprendizagem.

A partir do século XVI, denota-se um incremento comercial e uma necessidade, cada vez maior, de produzir mais artefactos. Na sequência dessa nova situação económica, as grandes famílias tradicionais ligadas ao sistema corporativo procuram, por todos os meios, controlar e monopolizar toda a produção e comercialização artesanal. Em resposta a essa situação, vão criar toda uma série de dificuldades aos novos aprendizes, no seu acesso à categoria de mestre/artesão e conseqüentemente o seu tempo de aprendizagem é dilatado para um tempo indeterminado.

Aos novos artífices criam-se-lhes, igualmente, problemas, uma vez que se lhes passa a exigir uma alta cotização para poderem fazer parte do sistema corporativo, logo se não dispuserem do capital necessário que é exigido, são excluídos da corporação, procedendo-se, deste modo, à sua decadência. Muitos deles para pagarem as quotas, vendem os seus meios de produção e submetem-se a trabalhar com salários baixos para as corporações, transformando-se em operários. Os que haviam também abandonado estas unidades de produção, mais cedo ou mais tarde, vieram a ser recrutados como mão de obra assalariada, contribuindo, assim para a desintegração da estrutura artesanal.

Apesar de todo o desenvolvimento industrial e técnico a que se assiste durante os dois últimos séculos e que levou à concentração, em fábricas, do trabalho destes artesãos, algumas formas de artesanato conseguiram sobreviver, coexistindo ainda hoje com a indústria. Essas sobrevivências artesanais adaptaram-se ao meio local, hipoteticamente pelo facto de exigirem um capital relativamente pequeno a par com uma grande destreza manual. No entanto, algumas dessas actividades encontram-se, presentemente, em vias de extinção, dada a concorrência que sofrem por parte das indústrias que detentoras dos necessários meios técnicos e humanos conseguem ter a capacidade de resposta, assim como atender às exigências do mercado consumidor.

O que se Entende por Artesanato

Antes de procedermos a uma análise interpretativa das actividades artesanais existentes no concelho, importa subordinar o conceito de artesanato a uma definição que seja suficientemente elucidativa e clara para que possamos compreender todo o processo que envolve a dita produção. O facto de não existir uma unanimidade de opiniões em torno deste conceito, origina uma certa controvérsia, já que há autores que põem a sua tónica no carácter manual da actividade ou como sendo expressão de um viver tradicional. Embora tais definições não estejam totalmente erradas, mostram-se, porém, incompletas e desprovidas de sentido, por não atenderem às realidades económicas e sociais de hoje. Convém, assim, definir artesanato segundo critérios que se ajustem à actualidade.

Etimologicamente a palavra artesanato deriva do francês *artisan*, o que significa *artífice*, ou seja, aquele que exerce um ofício manual. A este propósito, saliente-se que Maria Filomena Mónica dá-nos uma interessante definição de *artífice*, nestes termos: "No Portugal de oitocentos, havia duas grandes famílias dentro das classes trabalhadoras: os homens que vinham do mundo pré-industrial e os que estavam a ser recrutados para as fábricas. (...) Os primeiros chamavam-se *artesãos*, *artistas* ou *artífices*; os outros, *operários* ou *proletários*. O termo *artífice* referia-se àqueles que tinham aprendido uma *ars*, o de *operário* aos que executavam uma *opera*. O primeiro implicava aprendizagem, exercício e perícia; o segundo indicava um trabalho simples que qualquer pessoa podia fazer." ¹

Do exposto verificamos que a actividade artesanal supõe não só a especialização do artesão num determinado mester, mas também implica uma prévia aprendizagem, de forma a poder exercer o seu ofício. Além destes aspectos, importa sublinhar que neste processo produtivo não há uma divisão técnica do trabalho, o artesão ou *artífice*, enquanto proprietário dos meios de produção e dono da sua força de trabalho, participa em todas as fases de fabrico de um objecto, desde o início até ao produto acabado, a própria comercialização dos artigos é da sua responsabilidade, funcionando, muitas das vezes, o local de trabalho como loja de venda ao público. Neste tipo de actividades artesanais, o trabalho do *artífice* pode ou não ser auxiliado por elementos da família ou aprendizes, mas caso possua um quadro de pessoal, este é, em via de regra, muito reduzido e de características, familiares.

A produção de artefactos faz-se quase sempre ao ritmo das encomendas, há no entanto, ofícios que antecipam trabalhos para stocks, mas estes são ainda muito exíguos. Refira-se que parte destes artigos (cestos, objectos de latoaria) continuam a ter uma função utilitária, já que se produzem para a satisfação das necessidades locais. Todavia, este critério não pode ser considerado um elemento rígido que defina a actividade artesanal, uma vez que o valor de uso dos objectos na vida quotidiana vai decaindo, à medida que se vai revalorizando a sua função decorativa.

Tal como no caso anterior, a inter-relação existente entre as matérias primas que existem numa região e as actividades aí desenvolvidas já não pode ser considerado um elemento de peso na definição de produção artesanal, pois se há anos atrás havia matérias que abundavam, hoje em dia já não se assiste a essa situação, o que leva o artesão a importar as suas matérias (madeira, por exemplo), necessárias para o exercício da sua função.

¹ Mónica, Maria Filomena – *Artesãos e Operários*. Lisboa, Edição do Instituto de Ciências Sociais, 1986, p.9

As unidades de produção artesanais supõem também a utilização de fontes de energia naturais, como a força muscular simultaneamente com o emprego de ferramentas de trabalho rudimentares, apenas em certos casos se utilizam máquinas eléctricas.

Além do referido, tais actividades apresentam-se ainda como uma ocupação normal, parcial ou sazonal.

Uma vez, definido o conceito de artesanato, pensamos ser também importante tecer algumas considerações sobre a expressão artesanato tradicional.

Por artesanato tradicional entendemos toda a produção de artefactos que esteja ligada às actividades económicas desenvolvidas na região e a antigas manifestações culturais ou artísticas de valor decorativo.

Para o primeiro caso enquadram-se a latoaria e a cestaria, actividades que se destinam a satisfazer as necessidades da vida quotidiana e tarefas agrícolas da população local; para o segundo aspecto temos os bordados de Arraiolos, a azulejaria e os barcos em miniatura tradicionais do Tejo. Porém, saliente-se que enquanto estas peças (autênticas réplicas dos antigos barcos que cortavam as águas do Tejo) consideramos um artesanato tipicamente característico da zona da Moita, uma vez que a sua população esteve ligada a essa realidade marítima; a azulejaria e os Arraiolos são já uma manifestação cultural com grande tradição em Portugal, mas que não tem nada a ver com a vida local.

No entanto, refira-se que esta diferença entre os artefactos que qualificamos de carácter utilitário e os que têm uma função que se destina à contemplação, não constitui uma delimitação rígida, pois o que é funcional pode ser artístico e de valor decorativo e vice-versa. Aliás, hoje em dia a produção de alguns objectos que se situam no âmbito de uma perspectiva de funcionalidade pelos seus aspectos formais, tendem a desvincular-se das necessidades práticas e transformarem-se em peças puramente decorativas.

No âmbito deste trabalho achamos também conveniente definir o termo ferramentas, já que é susceptível de levantar algumas dúvidas, a nível da sua compreensão.

Na opinião de Leroi-Gourhan "não existe praticamente produto que não tenha sofrido em determinado momento a acção de ferramenta que suprime matéria para esculpir um cabo ou um barrote, que esmaga as fibras vegetais para delas extrair fios, que desloca as moléculas de um metal para o modelar."¹

Nessa ordem de ideias entendemos por ferramentas todos os instrumentos de trabalho que segundo a acção do homem servem para actuar sobre as matérias e transformá-las.

¹ Leroi-Gourhan, André: - Evolução e Técnicas. Lisboa. Edições 70, 1981, p.38

O Artesanato no Meio Local

O território do concelho da Moita encontra-se inserido na área da península de Setúbal e situa-se na margem sul do estuário do Rio Tejo. Tal localização determinou, ao longo da história, não só a ocupação do espaço, como condicionou o desenvolvimento das actividades económicas. Aliás, as potencialidades ribeirinhas conjuntamente com as agrícolas determinaram, em grande medida, o crescimento dos núcleos populacionais, situados junto ao Rio. A este propósito saliente-se a Monografia sobre o Concelho da Moita de João Luis da Cruz, publicada em 1924 e que testemunha-nos o seguinte quadro económico."(...) mas a política de fomento agrícola sabiamente legislada e impulsionada pelo rei D. Fernando, facilitando, com a famosa Lei das Sesmarias, o estabelecimento e fixação dos povos; multiplicando o algarismo das produções agrícolas, transformando brejos, maninhos e poisios em terras de optimo lavradio, creando a propriedade rustica justa-fluvial, de facil correição e adubagem com moliço das praias; levando os gados a pascer na vegetação expontânea dos almargeais e paues - deu à vida social dêste povo um aspecto duplamente característico, fazendo dêle optimos agricultores e intrépidos marítimos."

O mesmo autor acrescenta: "O vinho, os cereais. as frutas, as hortaliças, o pescado e o marisco, a caça, o mel, a lenha e o sal, empregando já muitos braços, precisando de ser exportados para Lisboa, impuzeram o que se instituiu - uma carreira fluvial." ¹

Foi, com efeito, essa dualidade económica - por um lado, o trabalho na terra e, por outro, o trabalho no rio - que contribuiu para o aparecimento e implantação das actividades artesanais. A latoaria, a cestaria, o ferrador, o abegão, a construção naval e de velas são artes, cuja existência estão marcadamente dependentes dos trabalhos locais.

Assim, se a actividade agrícola implicava a construção de instrumentos aratórios, bem como de carroças para transportar os produtos por terra; as funções ribeirinhas, particularmente o transporte fluvial e a pesca supunham a existência de estaleiros navais e uma oficina de velas para se proceder à reparação e construção de barcos.

Quanto aos artefactos ligados à latoaria, cestaria e olaria, estes eram produzidos com o fim a satisfazer as necessidades da vida doméstica, alguns dos quais estavam também relacionados com a produção vinícola, azeite, rega e criação de gado.

Associado, ainda, às actividades ribeirinhas temos o artesanato dos barcos em miniatura. Os artesãos que os executam foram há uns anos atrás, marítimos e nesse amor pala vida do mar, ficou-lhes a saudade nos olhos e nas mãos a arte de saber fazer os pequenos barcos tradicionais do Tejo.

Em Sarilhos Pequenos existe um pequeno Centro, situado no Alto do Moinho, onde os artesãos de miniaturas se encontram. Este local funciona informalmente como uma oficina/escola de aprendizagem, na medida em que aí trocam ideias, constroem as pequenas embarcações e transmitem para os mais novos os seus conhecimentos.

Foi, efectivamente, esta articulação entre os ofícios artesanais e as actividades aliadas à Terra e ao Rio que explica a actual situação de crise do artesanato tradicional. Pois, se por um lado,

¹ Cruz, João Luis da - O livro dos "Meus". Escorço Monográfico da Vila e Termo do Concelho da Moita de Riba Tejo. Almada, Oficinas de A. Rodrigues Belem, 1924, p.12

essa interligação de dependência fora uma constante da vida local, pelo menos, até à segunda metade da década de cinquenta, a partir dessa altura assistimos à decadência e desintegração do modelo económico implantado, facto que resultou no conseqüente enfraquecimento das artes tradicionais.

Análise Conclusiva

Feitas as anteriores considerações e perante os dados, resultantes dos depoimentos, fornecidos pelos artesãos, parece-nos importante apontar algumas conclusões sobre a população artesã do Concelho da Moita.

Antes de tudo importa, mais uma vez, referir que o âmbito deste trabalho apenas abrange o artesanato tradicional, ou seja, aquele que se encontra intimamente ligado às actividades económicas da região (latoaria, cestaria, etc.) e o artístico, cujas raízes mergulham na inspiração local das gentes, quer do concelho, quer de outras zonas do País (Arraiolos).

Das informações obtidas verificamos que as remunerações dos artesãos são, nas sua maioria, insuficientes para assegurar dignas condições de vida. Tal facto, explica a razão porque a iniciação profissional nas actividades artesanais são tão diminutas ou mesmo nulas, pois a fraca perspectivação económica que essas actividades oferecem, conduzem os jovens para ofícios mais aliciantes.

Em alguns dos casos, como a construção naval, é a dureza do trabalho que cerceia a entrada de aprendizes.

Os encargos inerentes à aprendizagem e que recaem sobre o mestre/artesão constitui também outro factor que está na origem da escassez ou mesmo inexistência de iniciados. Aliás, entre as diferentes formas de artesanato que foram objecto de análise, constatamos uma quase completa ausência de jovens artesãos, apenas registamos um artesão para o nível etário dos vinte aos trinta, dois artesãos para os níveis dos trinta aos quarenta e dos quarenta aos cinquenta anos.¹

Acima desta idade, o número aumenta significativamente, situando-se a maioria entre os sessenta e os oitenta anos. Abaixo deste nível, a representação artesã é também muito diminuta.

Assim, à medida que se assiste ao envelhecimento dos artesãos, as actividades e ofícios tradicionais vão entrando em franca decadência, alguns dos quais desapareceram completamente, como é o caso do ferrador e do abegão, dado a inexistência de aprendizes. Somente em algumas actividades, como a azulejaria,² se regista um regular funcionamento. Os estaleiros apresentam-se também em normal exercício e constituem, pelas várias técnicas que utilizam ao longo das diversas fases de trabalho, uma actividade com uma dimensão consideravelmente maior que todas as outras e com rendimentos também sensivelmente diferentes.

¹ Vide Gráfico nº 1

² Vide Mapa nº 1

Neste concelho, os artesãos iniciaram-se nas suas actividades em idades muito jovens, na sua maioria, pelos dez anos ou ainda mais cedo, o que implica uma grande experiência profissional e consequentemente muitos anos de trabalho. Há também aqueles casos, em que a iniciação se deu após a reforma, apresentando-se a actividade artesanal como uma ocupação subsidiária ou então como um meio de entretenimento.¹

Enquanto que na primeira situação, o artífice procura angariar alguns dinheiros para superar os seus magros rendimentos. provenientes da sua reforma; na segunda é sempre um trabalho de horas, com o fito de preencher o tempo, em algo que dá prazer de executar. O número de artesãos que se encontram nesta última condição é bem grande, em contraste com o item seguinte, em que só três artífices é que praticam um trabalho artesanal como ocupação complementar. Este facto não é de admirar, uma vez que parte destes artesãos ao inserirem-se num contexto rural não se defrontam com grandes dificuldades económicas, pois alguns deles possuem pequenas hortas, de onde retiram certos bens essenciais que os ajudam a colmatar as falhas dos seus parcos rendimentos.

Todavia, o trabalho artesanal constitui a ocupação principal para uma parte dos artesãos no concelho, como se pode constatar pelo gráfico nº 3, facto que traduz a importância dessas actividades em épocas anteriores.

Entre os casos que foram observados, as habilitações literárias são mínimas,² a maioria tem o exame da quarta classe. Aqueles que sabem ler e escrever, mas que não têm diploma do ensino primário, bem como o número de analfabetos atingem ainda proporções relativamente grandes, pode-se mesmo dizer que a maior parte dos artesãos possuem uma escolaridade muito reduzida. Em contrapartida, temos apenas um grupo de sete artesãos que detêm um grau de instrução superior ao ensino primário, um dos quais com habilitações a nível do universitário.

Em suma a população artesã do concelho da Moita, ligada às actividades tradicionais, encontra-se envelhecida e sem perspectivas de continuidade.

¹ Vide gráfico nº 3

² Vide gráfico nº 2

DEPOIMENTOS
DOS
ARTESÃOS

ARRAIOLOS

Nome: **Ana Rosa Teles Vagarinho**

Idade: **50 anos**

Estado Civil: **Casada**

Grau de Instrução: **4ª classe**

Natural: **São Cristovão,**
Concelho: **Montemor-o-Novo,**
Distrito: **Évora**

Residente: **Baixa da Banheira**



Ana Rosa Teles Vagarinho aprendeu a fazer Arraiolos com uma senhora dessa zona Alentejana, já depois de casada e de ter ido viver para o Barreiro. Desde essa época nunca mais deixou de executar esse tipo de ponto, não só porque se sentia realizada pessoalmente, como também gosta imenso de fazer todo o tipo de Arraiolos.

No seu entender a parte mais dificultosa deste trabalho está em passar os desenhos do papel para a tela, as carpetes redondas são, por exemplo, as mais difíceis de executar, uma vez que o desenho ao ir inicialmente aberto, tem que fechar no fim, não podendo, neste caso, o ponto seguir a linha direita. Além disto, Ana Rosa refere, também, ser um trabalho moroso e muito cansativo.

Conforme nos afirmou, gostaria imenso de algum dia ensinar o ponto de Arraiolos a outras pessoas, só que neste momento não tem disponibilidade, nem tem espaço.

Quanto aos seus trabalhos tratam-se, normalmente, de encomendas que fazem, mas procura ter sempre stocks para fazer as exposições, sempre que haja Feiras de Artesanato. Até agora só participou numa única feira, mas pensa que os seus produtos terão grande aceitação por parte das pessoas. Todavia, opinou que se estivesse a viver exclusivamente do seu trabalho já teria morrido de fome, na medida em que se trata de uma tarefa muito morosa, este funciona apenas com o fito de colmatar as falhas económicas, existentes no seio familiar.

Peças Executadas	Matérias Primas	Outros Materiais	Ferramentas
- Tapetes - Carpetes - Passadeiras - Painéis - Almofadas	- Lãs (a)	- Tela	- Agulhas - Banco de Franja - Dobadora

Nota: (a) As lãs utilizadas no ponto de Arraiolos são adquiridas nas próprias fábricas, porque além além de serem de melhor qualidade, existe também uma maior variedade de cores.

AZULEJARIA

Nome: **Elsa Maria Fernandes Rodrigues**
 Idade: **38 anos**
 Estado Civil: **Casada**
 Grau de Instrução: **Curso de Belas Artes**, em
 Moscovo, com especialidade
 em cerâmica artística
 Natural: **Sarilhos Pequenos**,
 Concelho: **Moita**,
 Distrito: **Setúbal**.
 Residente: **Sarilhos Pequenos**



Elsa Rodrigues iniciou-se há dois anos na azulejaria, começou primeiro por investigar e estudar as técnicas e as cores tradicionais (o azul e o azeite), já que na sua formação não teve aprendizagem nesta área.

Na sua opinião a formação técnica e cultural é muito importante, mas não suficiente, tem que haver, também, por parte da pessoa, habilidade, imaginação e gosto.

Tecnicamente começa por conceber e fazer um projecto, de seguida passa esse desenho em picotado, directamente no azulejo, em vidro cru e só depois é pintado. Neste tipo de trabalho utiliza os azulejos em chacota com vidro do século XVIII.

Além dos azulejos, executa loiças decorativas (utilizando sempre as mesmas cores) para responder aos diferentes interesses do público consumidor.

Trabalha geralmente sozinha numa pequena oficina, em casa, só em algumas ocasiões é auxiliada pelo marido.

Segundo nos disse, as suas peças não têm sido muito procuradas, em virtude de não ter sido feita uma devida divulgação do seu trabalho.

Tem participado só em algumas Feiras de Artesanato, porque na sua concepção estas são muito dispendiosas e os artesãos que vivem da actividade não têm estruturas para suportar as despesas daí provenientes.

Já deu formação na Escola Secundária "Diogo de Gouveia", em Beja e actualmente está a trabalhar em projectos para A. C. M. (Associação Cristã da Mocidade), em Setúbal.

Matérias Primas	Outros Materiais	Ferramentas	Máquinas Eléctricas
- Barro tratado	- Vidro - Pigmentos	- Pinceis - Teques de madeira para modelar	- "Mufla" (forno eléctrico)

Nome: **Susete Baptista Gregório Pereira**

Idade: **58 anos**

Estado Civil: **Casada**

Grau de Instrução: **Curso de Pintura Decorativa**
da Escola de Artes Decorativas António Arroio

Natural: **Barreiro,**
Concelho: **Barreiro,**
Distrito: **Setúbal**

Residente: **Arroteias, Alhos Vedros**



Susete Pereira formada em Pintura Decorativa, pela Escola António Arroio, sempre desempenhou a sua actividade na área do desenho. Mas foi só após a reforma que se dedicou à azulejaria, constituindo este, um trabalho de entretenimento, sem objectivos comerciais.

No seu entender, pintar azulejos não é tarefa difícil, o mais complicado é conceber um projecto de trabalho e aqui a base é saber desenhar e explicou-nos: "Primeiro começamos por fazer um desenho em papel vegetal, os contornos são todos picotados e só depois passamos para o azulejo, com o auxílio de uma boneca de carvão e finalmente é pintado. O manuseio das tintas vai-se adquirindo com a experiência."

Na pintura dos seus painéis utiliza uma gama variada de cores, conforme o tipo de trabalhos pretendidos. Os azulejos utilizados, são comprados em cru, com vidrado, a um fornecedor de Pombal.

Tem um dia na semana reservado para ensinar, em casa, a crianças e adultos que manifestaram interesse em aprender a técnica de pintar em azulejos.

Outros Materiais	Ferramentas	Máquinas Eléctricas
- Azulejos - Pigmentos	- Pinceis - Raspadeira - Canivete	- Forno - Torno

Nome: **Vitor Manuel da Silva Santos**

Idade: **57 anos**

Estado Civil: **Casado**

Grau de Instrução: **5º ano do Curso
Geral dos Liceus**

Natural: **Rosário,**
Concelho: **Moita,**
Distrito: **Setúbal**

Residente: **Moita**



Vitor Manuel da Silva Santos dedicou-se a fazer azulejos, a partir de uma encomenda que lhe fizeram, há dez anos atrás. Nessa altura, ainda não possuía forno e tinha que se deslocar ao Seixal para cozer os azulejos. Todo o dinheiro que ganhou nessa primeira encomenda investiu em material e equipamento.

Não aprendeu a arte com ninguém, bastou-lhe a experiência dos diferentes ofícios que exerceu, a força de vontade e a capacidade criativa. Como ele nos disse: "Pintar um azulejo é como uma criança que se solta dentro de nós, no início não sabemos o que dali vai sair, mas depois as ideias tomam forma e surge a obra".

Os azulejos tanto podem ser pintados em cru, como no vidrado, no primeiro caso vão ao forno a cozer entre 1050° - 1100° e no segundo entre 750° -800°.

Para pintar um painel leva cerca de duas horas.

Habitualmente trabalha sozinho, numa oficina que possui em casa, excepto quando tem mais encomendas solicita alguém para o ajudar.

À pergunta se alguma vez tinha sido procurado para ensinar, respondeu-nos: "Já fui procurado algumas vezes, mas a arte não se ensina, cria-se. O que eu proponho é ajudar, desde que a pessoa tenha vontade de trabalhar, pois só se aprende fazendo."

Em termos comerciais disse-nos que o mercado já está saturado, uma vez que há muitas pessoas a dedicarem-se a este tipo de trabalho, contudo ainda tem muitas encomendas, o suficiente para viver desta actividade.

É membro associado da Artesfera (Associação de Artes Plásticas do Barreiro) e actualmente está a colaborar na criação de uma Associação de Artistas e Artesãos a nível do distrito de Setúbal, com sede no Montijo.

Matérias Primas	Ferramentas	Máquinas Electricas
- Barro decantado	- Pinceis	- "Mufla" (forno eléctrico)

**Barcos Tradicionais
do Tejo
em Miniatura**

Nome: **António Isidoro**

Idade: **67 anos**

Estado Civil: **Casado**

Grau de Instrução: **Sabe ler e escrever,**
mas não tem a 4º classe

Natural: **Sarilhos Pequeno,**
Concelho: **Moita,**
Distrito: **Setúbal**

Residente: **Sarilhos Pequeno**



António Isidoro marítimo de profissão, exerceu esta actividade, desde muito novo, com o seu pai. Após ser reformado deste ofício por invalidez, começou a fazer miniaturas de embarcações para ocupar os seus tempos livres, já que estava por dentro do assunto e sabia como proceder tecnicamente.

Faz todo o tipo de barcos em miniatura que eram característicos do Tejo, desde os botes, canoas, varinos até às fragatas.

Na execução de cada umas destas peças leva cerca de trinta dias.

Para além do gosto pessoal, este trabalho é uma forma de recordar a sua vida no mar, quando andava nas fragatas e nos varinos. Conforme nos disse, as peças não são feitas para fins comerciais, mas se entretanto aparecer alguém interessado em comprar, neste caso aproveita a venda, pelo menos, para ajudar a cobrar as despesas.

Matérias Outros

Matérias Primas	Outros Materiais	Ferramentas
- Cortiça	- Cola - Tintas	- Canivete - Grosa - Lixa

Nome: **Frederico Rodrigues**

Idade: **63 anos**

Estado Civil: **Casado**

Grau de Instrução: **4º classe**

Natural: **Moita,**

Concelho: **Moita,**

Distrito: **Setúbal**

Residente: **Chão Duro**



Frederico Rodrigues marítimo reformado, herdou esta profissão do pai, com quem aprendeu a arte de fazer os barcos em miniatura. Mas só após a reforma, à cerca de seis anos, dedicou-se a construir réplicas das antigas embarcações, nomeadamente varinos e botes.

As razões que levaram a fazer este tipo de trabalho diz-nos que foi "por divertimento, para passar o tempo". Daí não haver interesse da sua parte em vender as embarcações.

Quanto ao processo de construção, referiu: "Faço barcos através de plantas, de livros e também sem apoio de desenhos, tudo pela minha cabeça. As pinturas são feitas pelo meu colega Henrique Rodrigues, pois nesta área não tenho tanta prática".

Segundo nos referiu a dificuldade deste trabalho está nos pequenos pormenores, nas peças pequeninas que tem de executar, de forma que para fazer um barco leva mais de seis meses.

Matérias Primas	Outros Materiais	Ferramentas	Máquinas Eléctricas
- Madeira de Pinho Manso - Plátano - Tola	- Bronze (a) - Inox (a) - Lixa	- Limas - Formões - Grosa - Plaina	- Lixadeira eléctrica - Plaina - Serra Fita

Nota: (a) Utiliza o inox e o bronze para fazer as ferragens

Nome: **Henrique Rodrigues**

Idade: **63 anos**

Estado Civil: **Casado**

Grau de Instrução: **Sabe ler e escrever,**
mas não tem a 4^o classe

Natural: **Sarilhos Pequenos,**
Concelho: **Moita,**
Distrito: **Setúbal**

Residente: **Sarilhos Pequenos**



Henrique Rodrigues exerce actualmente a actividade de pintor no estaleiro naval de Sarilhos Pequenos, mas a sua primeira profissão foi carregador de rama de pinheiro para as padarias de Lisboa. Mais tarde, foi marítimo nas embarcações tradicionais do Tejo, ofício que manteve até 1988. Tal facto, explica o seu interesse em executar, nos seus tempos livres, os barcos em miniatura.

No princípio é um trabalho difícil, mas desde que a pessoa tenha conhecimentos, executa as peças com facilidade. Antigamente fazia tudo sem qualquer orientação prévia, guiava-se simplesmente pelo sentido da visão, mas agora para o trabalho ser mais perfeito, faz primeiro os moldes e seguidamente é que parte para a prática.

Devido às actuais condições, pensa que será um tipo de trabalho que está a morrer a pouco e pouco, já que as pessoas que executam estas peças são, na sua generalidade, marítimos. Ora no sentido de preservar estes conhecimentos práticos, já ensinou o seu filho e dá-lhe sempre as instruções necessárias, caso sejam solicitadas. Segundo nos disse, se tivesse uma casa, onde pudesse trabalhar à vontade, podia ensinar às crianças da zona, uma vez que estas gostam imenso de o observar quando faz os barcos. A este propósito é de referir, ainda, a sua presença na escola do Vale da Amoreira, onde deu algumas indicações aos alunos e professores, como saber fazer uma embarcação.

Além de tudo isto, participou em várias exposições, sendo de salientar a exposição de Vila Franca de Xira, Belém e Moita.

Matérias Primas	Outros Materiais	Ferramentas
- Cortiça (a) - Madeira	- Alfinetes - Tintas	- Canivete - Grosa - Martelo - Serrote

Nota: (a) Henrique Rodrigues opta por utilizar a cortiça por ser uma matéria mais durável e mais fácil de trabalhar do que a madeira.

Nome: **José João Oliveira** (Zé Cigano)

Idade: **63 anos**

Estado Civil: **Casado**

Grau de Instrução: **Sabe ler e escrever**,
mas não tem a 4^o classe

Natural: **Rosário**,
Concelho: **Moita**,
Distrito: **Setúbal**

Residente: **Moita**



José João Oliveira foi marítimo durante uns vinte e tal anos, isso explica, de certo modo, o seu interesse em construir os barcos em miniatura, nas suas horas livres. Os seus conhecimentos advieram da prática do exercício da sua profissão e da atenção que prestava quando levava as fragatas ao estaleiro para reparações.

Além dos barcos, faz todo o tipo de trabalho em madeira, mas aquele que mais gosta e que lhe dá mais prazer é, sem dúvida nenhuma, as miniaturas. Tal facto explica a razão, porque essas peças não são feitas com objectivos comerciais, contudo isso não significa que não as venda em determinadas épocas do ano, sobretudo nas exposições em que tem participado.

No verão José João Oliveira é também muito procurado pelos estrangeiros que vêm solicitar a sua ajuda para a construção de lemes, remos e pinturas de barcos.

Considera um trabalho difícil de executar, dado que tem muitos pequenos pormenores que só um marítimo sabe fazer, um indivíduo que não esteja dentro deste assunto, deve, pelo menos, ter um molde que lhe sirva de orientação.

Matérias Primas	Outros Materiais	Ferramentas	Máquinas Eléctricas
- Cortiça - Madeira	- Panos - Fios de electricidade para fazer as Ensarças - Tintas	- Alicates - Canivete - Formões - Serrote	- Serra - Berbequim

Nome: **Luís Manuel Bernardo Raimão**
(Canário)

Idade: **63 anos**

Estado Civil: **Casado**

Grau de Instrução: **4º classe**

Natural: **Rosário,**

Concelho: **Moita,**

Distrito: **Setúbal**

Residente: **Rosário**



Luís Raimão filho de um pintor naval, começou desde muito pequeno a nutrir um certo interesse pelas embarcações do Tejo.

Com apenas quinze anos iniciou, ao lado do seu pai, a actividade de carpintaria e pintura naval que manteve até ao cumprimento do serviço militar.

Posteriormente, ao enveredar pela profissão de bancário, foi a pouco e pouco se desligando das actividades atrás referidas. Quando se reformou viu de novo manifestar-se o seu interesse pelas embarcações do Tejo, desta vez, através da execução das respectivas miniaturas que depois de construídas e pintadas são, geralmente, vendidas no verão a emigrantes ou a estrangeiros que visitam a zona do Rosário.

No seu entender é um trabalho difícil e que exige muita paciência, mas como trabalhou alguns anos no estaleiro, sabe as designações de cada uma das peças e os acessórios específicos destas embarcações. Antes de iniciar qualquer miniatura, faz primeiro os moldes.

Barcos	Matérias Primas	Outros Materiais	Ferramentas
- Canoas	- Madeira de Salgueiro (a)	- Pregos	- Canivete
- Botes		- Tintas	- Serrote
- Varinos		- Cola	- Pincel
- Fragatas			

Nota: (a) Utiliza a madeira de Salgueiro por ser mais macia.

Nome: **José Martins**

Idade: **57 anos**

Estado Civil: **Casado**

Grau de Instrução: **4º classe**

Natural: **Sarilhos Pequenos,**
Concelho: **Moita,**
Distrito: **Setúbal**

Residente: **Sarilhos Pequenos**



José Martins oriundo de uma família de marítimos, deixou de trabalhar no Rio quando a actividade fluvial desapareceu nesta zona. Já nesse tempo dedicava-se a fazer botes em cortiça, cuja técnica foi aperfeiçoando. Hoje constrói barcos em madeira que são verdadeiras réplicas dos barcos que cortavam as águas do Tejo.

Sobre o seu trabalho explicou-nos: "A construção de um barco obedece a contas e medidas, isto é, três por um metro; é como fazer um barco grande, as cobertas têm que ficar com a inclinação necessária para se dar escoamento às águas. Tudo tem que ficar proporcional, já as embarcações feitas à escala ficam feias porque as medidas do comprimento não ficam ajustadas com a altura."

A arte de fazer os barcos em miniatura exige não só habilidade manual, como também paciência, particularmente na execução de pequenas peças. A este nível, José Martins faz um aproveitamento de materiais, adaptando-os à realidade que pretende, a título de exemplo ele utiliza o carro de linhas e a coroa do relógio para fazer um guincho.

Quanto à decoração dos barcos, esta obedece a determinados padrões tradicionais, flores e motivos característicos da zona, técnica que ainda não domina, de modo que as pinturas são feitas pelo Henrique Rodrigues.

Segundo as palavras de José Martins, é necessário trabalhar as oito horas por dia para fazer um barco em três meses.



Matérias Primas	Outros Materiais	Ferramentas	Máquinas Eléctricas
- Pinheiro Manso	- Chapa - Chumbo - Pano - Tintas	- Alicates - Compasso - Formões - Grampes - Serrote - Serra - Martelo - Nível	- Berbequim - Plaina Electrica

Nome: **Júlio Cordeiro dos Santos**

Idade: **73 anos**

Estado Civil: **Casado**

Grau de Instrução: **3º classe**

Natural: **Alhos Vedros,**

Concelho: **Moita,**

Distrito: **Setúbal**

Residente: **Alhos Vedros**



Júlio Cordeiro dos Santos exerceu a profissão de carpinteiro da construção civil, encontrando-se presentemente reformado.

Só à cerca de dois anos e por entretenimento começou a construir barcos em miniatura, a partir de plantas adquiridas no Museu da Marinha.

Dedicou-se a este trabalho não só por gosto pessoal, mas também para ocupar os seus tempos livres, já que por imperativos de saúde tem grandes dificuldades em movimentar-se.

A sua aprendizagem neste tipo de arte resultou da observação dos mestres e dos seus conhecimentos técnicos de carpintaria. Em determinadas fases do trabalho que suscitam dúvidas, procura esclarecê-las junto do Mestre Jaime, do Estaleiro de Sarilhos Pequenos, o qual lhe dá as orientações técnicas.

Na feitura das suas embarcações vai até ao mínimo pormenor, fazendo tudo peça por peça, segundo as técnicas da construção naval. Para tal utiliza ramos de pinheiro que tenham as curvas necessárias para fazer as cintas, os braços e o cavername.

O tempo que dispense para fazer um varino é cerca de dez meses, contudo o seu trabalho não tem finalidades comerciais.

Participou com dois barcos, um varino e uma fragata, numa exposição em Plaisir, na França.



Matérias Primas	Outros Materiais	Ferramentas
- Madeira de Pinho	- Alumínio (a) - Cola - Fio - Latão (b) - Pano - Pregos	- Formões - Grosas - Limas - Plaina - Serra - Serrote

Nota: (a) O alumínio é utilizado na execução das ancoras.

(b) Utiliza o latão para fazer os guinchos.

Nome: **Prefírio Baptista**

Idade: **81 anos**

Estado Civil: **Casado**

Grau de Instrução: **4º classe**

Natural: **Sarilhos Pequenos,**
Concelho: **Moita,**
Distrito: **Setúbal**

Residente: **Sarilhos Pequenos**



Prefírio Baptista proveniente de uma família de marítimos, herdou também ele esta profissão. Iniciou-se muito cedo na "vida do Rio", começando por ser Moço, Camarada e mais tarde Arrais nas embarcações que faziam o transporte entre as duas margens. Por ser um tipo de trabalho que lhe proporcionava tempos livres dedicou-se, desde os catorze anos, a fazer barcos em miniatura, aprendendo sozinho esta arte.

Presentemente é reformado e nas horas vagas continua a construir réplicas dos antigos barcos e explicou-nos: "Faço isto por gosto, por divertimento. Antigamente fazia barcos de todos os tamanhos, agora com a minha idade é mais difícil, apesar de ter mais prática e mais conhecimentos da arte. Quando andava embarcado oferecia e trocava os barcos que fazia. Uma vez troquei um barco por um fato e um par de botas, com um inglês. Os meus barcos estão espalhados pelo Mundo inteiro."

Quanto à fase final do processo de construção descreveu-nos: "O barco depois de estar construído, é coberto por massa de vidro para tapar os poros da cortiça, entretanto deixa-se secar e por fim é lixado e pintado com os motivos característicos destas embarcações."

Entre as muitas centenas de barcos que construiu, as fragatas foram o tipo de embarcação que menos o atraiu, pelo facto de não serem tão bonitas em termos decorativos.

O tempo que dispense para executar um barco é cerca de vinte e seis dias. Em termos de rendimentos, este trabalho daria para viver se aceitasse todos os convites que lhe são dirigidos para participar quer nas Feiras de Artesanato, quer nas acções de formação, mas como ele próprio afirmou: "Já não tenho idade, nem cabeça para estas coisas."

Os seus barcos têm sido expostos nas Feiras de Artesanato de Vila do Conde e na FIL, onde ganhou um prémio. Há dois anos atrás foi também convidado, por jornalistas que o visitaram, para ir à Alemanha falar sobre o seu trabalho, com as despesas todas pagas, mas por questões de saúde recusou o convite.

Matérias Primas	Outros Materiais	Ferramentas
- Cortiça - Pau Ferro (a) - Cana - Picos da Piteira (a)	- Cola - Massa de Vidro - Pano Cru - Lixa	- Alicate - Canivete - Compasso - Grosa - Martelo

Nota: (a) Tanto o pau ferro como os picos da piteira são utilizados como pregos

Nome: **Victor Manuel da Nazaré**

Idade: **60 anos**

Estado Civil: **Casado**

Grau de Instrução: **Analfabeto**

Natural: **Sarilhos Pequenos,**

Concelho: **Moita,**

Distrito: **Setúbal**

Residente: **Sarilhos Pequenos**



Victor Manuel da Nazaré proveniente de uma família de marítimos e de uma localidade com tradições fluviais, aprendeu também a arte de marear, actividade que, ainda exerce.

No início da década de noventa e por entretenimento, começou a fazer barcos em miniatura, interesse que lhe adveio do gosto pessoal que nutre pelas embarcações típicas do Tejo. A sua aprendizagem decorreu da observação e da experimentação e a técnica que utiliza inscreve-se na construção dos barcos em cortiça.

Nos seus tempos livres reúne-se com os seus amigos na "oficina" do Alto do Minho e aí vai trabalhando e trocando ideias sobre a arte de construir miniaturas.

Dedica-se particularmente à construção de botes e canoas, levando cerca de um mês de trabalho para cada uma das embarcações.

Matérias Outros Ferramentas

Primas Materiais

Matérias Primas	Outros Materiais	Ferramentas
- Cortiça - Madeira de Pinho (a)	- Arame de Cobre (b) - Cola - Pano - Tintas	- Alicates - Canivete - Grosa - Martelo - Plaina - Serra

Nota: (a) A madeira é utilizada na construção das quilhas, leme e proa

(b) O arame de cobre é usado na execução dos moitões.

CESTARIA



Nome: **José António**

Idade: **86 anos**

Grau de Instrução: **Analfabeto**

Natural: **Vale de Santiago,**

Concelho: **Odemira,**

Distrito: **Beja**

Residente: **Moita**

José António começou a trabalhar na cestaria com a idade de vinte anos. Pastoreava, nessa época, o gado pelos montados e para preencher o tempo, ia-se distraíndo a fazer cestos. Não aprendeu o seu ofício com ninguém, como nos disse: "Foi sempre tudo da minha ideia e foi a partir de outros cestos que eu via já feitos que aprendi esta arte. Gosto de trabalhar nisto, grande parte das obras que faço são modelos que crio e assim vou ganhando alguma coisa, já que a reforma é pequena."

Além desta actividade, foi trabalhador rural e maioral. Presentemente não só executa cestos, como também ensina os alunos da escola Primária nº2 da Moita a trabalhar com vime.

Em casa nunca teve condições para ter aprendizes, daí a razão porque só ensinou a pessoas da família.

Uma parte do trabalho que faz é por encomenda, mas também é habitual ir vender os seus produtos aos mercados. O rendimento que daí retira dá para viver desafogadamente, desde que trabalhe muitas horas. Neste seu ritual quotidiano tem, por vezes, a ajuda da sua mulher que segundo nos afirmou, sabe muito bem fazer cestos de cana.

Para adquirir o vime, matéria com que costuma habitualmente trabalhar, tem que ir comprá-lo a Coruche, já que aqui na área começa a ser uma planta muito rara. O mesmo não se passa com a cana, espécie vegetal que abunda na nossa zona. O vime que compra é já seco e descascado, só em certos trabalhos como, por exemplo, os cesto para a vindima, utiliza o vime preto, isto é, ainda por descascar.

Antes de ser manuseado, o vime tem primeiramente que estar de molho e em determinados casos tem que ser previamente rachado. A cana exige uma técnica mais simples, é só raspada e os nós retirados.

Peças Executadas	Matérias Primas	Ferramentas
- Cestos Simples - Cestos arredondados - Cabaz simples - Cabaz arredondado - Cabaz de cana - Floreira - Cesto para a roupa	- Vime - Cana	- Canivete

Nome: **Francisco de Oliveira Durão**
(**Chico Russo**)

Idade: **72 anos**

Estado Civil: **Casado**

Grau de Instrução: **4ª Classe**

Natural: **Moita,**

Concelho: **Moita,**

Distrito: **Setúbal**

Residente: **Moita**



Após a reforma, Francisco de Oliveira Durão dedicou-se a fazer nas horas vagas, cabazes de fitas plásticas, material que adquiriu na empresa onde trabalhava.

Tecnicamente utiliza um molde de madeira, feiro por ele próprio e que funciona como medida padrão, em seguida corta as fitas à medida do que pretende e começa por fazer o fundo, alternando sempre as fitas de cor em torno do molde.

Quanto ao modo como aprendeu, disse-nos: “Foi um senhor que me deu as indicações, mas como eu tenho muito gosto em fazer este tipo de coisas, aprendi com uma certa facilidade e a partir daí, comecei a executar não só cabazes, como também abanos e chapéus para o carnaval que depois foram oferecidos aos alunos da Escola Primária nº 1 da Moita”.

Na sua opinião é um trabalho difícil, no entanto, para ele torna-se já fácil de executar, devido à prática e formas que tem desenvolvido. Em termos de espaço, tem uma oficina que considera suficiente para o seu trabalho, uma vez que não faz dessa arte profissão.

Quando lhe perguntámos, se gostaria de ensinar, respondeu-nos: “Gosto muito de ensinar aquilo que sei, pois a mim também me fizeram o mesmo. Agora tenho cá duas miúdas da Escola Primária a aprenderem a fazer os cabazes, mas poderia ter mais, só que também não aparecem. O trabalho era o mesmo, ensinar a duas como a dez”.

Relativamente à comercialização referiu-nos que há muita gente interessada em comprar, só que muitas vezes não tem capacidade de resposta para atender aos pedidos que lhe são feitos, devido à falta de tempo.

Normalmente, costuma fazer tudo por encomenda, utilizando, nestes casos particulares, as cores das fitas que as pessoas escolheram. Todavia acrescentou-nos que grande parte do seu trabalho é mais para oferecer do que para vender. De qualquer modo, o rendimento não seria suficiente para a subsistência da família, mesmo que dependesse totalmente desse ofício, uma vez que leva duas a três horas para executar um cabaz, sendo ainda os mais pequenos, mais morosos e difíceis, em termos de tempo e de trabalho e consequentemente pouco compensadores.

Peças Executadas	Matérias Primas	Ferramentas
- Cabazes	- Fitas de plástico - Tubos de plástico para fazer as asas	- Canivete - Tesoura

CONSTRUTORES

NAVAIS

Nome: **Jaime Ferreira da Costa**

Idade: **73 anos**

Estado Civil: **Casado**

Grau de Instrução: **4ª Classe**

Natural: **Pardilhó,**

Concelho: **Estarreja,**

Distrito: **Aveiro**

Residente: **Sarilhos Pequenos**



Jaime Ferreira da Costa é proprietário de um pequeno estaleiro em Sarilhos Pequenos há trinta e dois anos, mas já trabalha neste ofício há cinquenta e sete.

Iniciou-se na construção naval com a idade de sete anos, no estaleiro do pai em Pardilhó, onde aprendeu efectivamente a sua arte. Os seus conhecimentos provieram de toda uma experiência prática, já que passou por vários estaleiros - Gaio, Setúbal e Espinho - e consequentemente por várias vivências, o que lhe deu um grande suporte no campo da construção naval.

É uma profissão que vem de família, pois tanto o seu pai como os seus irmãos dedicaram-se a esta actividade, do mesmo modo o seu filho seguiu a tradição, aprendendo este ofício. Daí que não considere ainda uma profissão em vias de extinção. Segundo nos explicou, antigamente existiam melhores artistas e navegadores, mas isso não impede que tais profissões deixem de existir, pois desde que hajam embarcações, elas continuarão a perdurar.

Na sua opinião é um trabalho muito pesado que exige muita força física e muito amor pela profissão, como ele próprio nos disse: "É uma arte em que o homem se não se cortar, nunca é artista."



Embora este estaleiro a princípio estivesse vocacionado para reparações dos barcos tradicionais do Tejo, hoje em dia o seu trabalho incide, essencialmente, na reconstrução de velhos barcos, tais como veleiros e iates. É também habitual fazerem-lhe encomendas, há tempos incumbiram-no de construir cem "Chatas" de seis metros de comprimento para Angola. Conforme nos referiu, existe muito trabalho, as pessoas, por vezes, é que faltam ao pagamento e para manter o estaleiro é necessário ter-se um grande amor à arte, pois as despesas são muito grandes.

Os seus maiores clientes são os estrangeiros, porém os portugueses também recorrem ao estaleiro a fazerem-lhe encomendas.

Jaime Ferreira da Costa afirmou-nos que antes do Vinte Cinco de Abril, teve vinte sete aprendizes a trabalharem no seu estaleiro e aí formou os melhores carpinteiros navais da zona. Actualmente não tem nenhum aprendiz, devido ao grande número de exigências que passaram a ser requeridas. Além disso, hoje em dia há muito pouca gente interessada em aprender tal actividade. Segundo nos disse, uma pessoa para se iniciar nesta profissão tem que ser, ainda, muito jovem e sobretudo dedicado ao ofício.

Matérias Primas	Ferramentas	Máquinas Eléctricas
- Ferro - Madeira de pinho - Madeira Exótica (a)	- Plainas - Serras - Machados - Martelos - Enxós - Compasso	- Serras - Plainas - Berbequins

Nota: (a) Presentemente utiliza mais a madeira exótica importada, já que no nosso país não existe madeira de pinho para construções de certa envergadura.



Nome: **José Francisco Lopes**

Idade: **77 anos**

Estado Civil: **Casado**

Grau de Instrução: **4ª Classe**

Natural: **Rosário,**

Concelho: **Moita,**

Distrito: **Setúbal**

Residente: **Rosário**



José Francisco Lopes por volta dos treze anos, aprendeu o seu ofício com o pai, de quem herdou o estaleiro. Foi o continuador da profissão que já vinha de família, mas segundo nos afirmou, terminará com ele, já que o seu filho nunca mostrou vontade em aprender, nem conseguiu adaptar-se ao tipo de trabalho que aí se exigia, pois no âmbito da construção naval tem que se saber de tudo, desde a carpintaria, calafetagem, serração até à pintura. Porém considera um trabalho fácil de manobrar, mas para isso, é necessário estar por dentro dos assuntos, o que se aprende com a prática. É, no entanto, um trabalho que exige um grande esforço e desgaste físico, o que não implica que não seja um trabalho sensível e com um certo gosto pessoal. Os estrangeiros até lhe costumam dizer que construir um barco é como fazer uma estátua.



Há uns anos atrás funcionou no seu estaleiro um curso de formação profissional, promovido pela "Associação Amigos do Tejo". Entre esse grupo, escolheu dois elementos que tiveram maior aproveitamento, durante o processo de aprendizagem, para o auxiliarem na execução de certos serviços. Mas na sua opinião, já não aparecem rapazes para aprenderem, com a frequência que acontecia há uns anos atrás, hoje existe um certo desinteresse por este tipo de ofícios, facto que leva à sua

extinção. De qualquer modo, não podia ter mais que seis aprendizes, já que não tem trabalhadores suficientes para fornecer-lhes a necessária orientação.

Actualmente o seu trabalho consiste, essencialmente, em reparar as embarcações do Tejo, quer para entidades nacionais, quer para entidades estrangeiras, pois trata-se de uma zona tradicional de pinturas, onde é frequente ocorrerem indivíduos de diversas nacionalidades. Em termos de rendimento, disse-nos: "É preciso ser-se muito dedicado para conseguir manter isto, já que as despesas são muito grandes e os lucros não são muito compensadores."



Matérias Primas	Outros Materiais	Ferramentas	Máquinas Eléctricas
- Ferragens - Coaltar (a) - Madeira de pinho (b)	- Pregos - Tintas	- Machados - Enxós - Compasso - Serra - Plaina	- Plaina - Berbequim - Charrions

Nota: (a) Coaltar é um produto que se aplica nas madeiras, a fim de protegê-las.

(b) Actualmente sente-se alguma dificuldade em adquirir madeiras de pinho com umas certas dimensões. Por outro lado, proibiu-se o transporte de troncos com mais de doze metros, quando à partida se chegou a utilizar madeiras com vinte e tal metros para se fazer a travacção das fragatas, já que a estrutura principal tinha que ser inteiriça e sem qualquer tipo de emendas, de modo a dar resistência à embarcação.

FERREIRO

NAVAL

Nome: **Manuel Joaquim**

Idade: **63 anos**

Estado Civil: **Solteiro**

Grau de Instrução: **Analfabeto**

Natural: **Gaio**,
Concelho: **Moita**,
Distrito: **Setúbal**

Residente: **Gaio**



Manuel Joaquim Bolinhas é o único ferreiro da construção naval existente no concelho da Moita, iniciou-se nesta profissão com a idade de doze anos e não frequentou a escola como na generalidade acontecia às crianças do seu tempo.

Natural de uma localidade com algumas tradições na construção naval, foi fácil entrar como aprendiz para a oficina do Mestre Joaquim Branco, com quem aprendeu a arte de trabalhar neste ofício, ganhando então a módica quantia de \$50 diários.

Após a morte do Mestre, Manuel Joaquim Bolinhas adquire a oficina e passa a trabalhar por conta própria, sendo solicitado por todos os estaleiros aqui da zona: Alhos Vedros, Alcochete, Sarilhos Pequenos e Rosário. Com o desaparecimento de alguns destes estaleiros locais, a procura de ferrarias para os barcos tendeu a diminuir e na falta deste trabalho, dedicou-se a fazer portões, varandas e portas em ferro, como forma de sobrevivência da sua arte.

Segundo nos disse, há uns anos atrás trabalhava na forja, utilizando a técnica denominada "caldear o lume", entretanto com o aparecimento da soldadura desliga-se desse processo e opta por este último, por ser mais fácil e menos duro. Durante todo este tempo de laboração nunca teve aprendizes na sua oficina, devido aos encargos que isso acarretaria.

Por ser uma profissão que oferece poucos atractivos aos jovens, também não há ninguém interessado em aprender a arte de trabalhar no ferro. Na sua opinião o ofício de ferreiro da construção naval está em vias de extinção e acrescentou-nos: "se tivesse encargos familiares isto não dava para viver, porque umas vezes há trabalho e outras vezes não há nada para fazer."

Antigamente ganhava à peça, hoje em dia trabalha à hora e mediante encomendas, as únicas peças que faz para stock são as âncoras, uma vez que não exigem medidas precisas.

Peças Matérias

Peças Executadas	Matérias Primas	Ferramentas	Máq. Eléctricas	Máq. Manuais (b)
- Âncoras - Cadernal - Chapas de mastros - Guincho - Rodas p/ cadernais - Varões de lemes	- Ferro	- Escopro - Martelo - Serrote - Marreta Crista (a) - Marreta 2 pancadas a) - Bigorna (a)	- Furador - Máquina p/cortar ferro - Reboradora (amolar a soldadura) - Berbequim	- Furador - Torno - Amoladora (c) - Tesoura para cortar chapa (c)

Nota: (a) Estas ferramentas já não são utilizadas no seu trabalho.

(b) As máquinas manuais foram substituídas pelas eléctricas

(c) Estas duas máquinas foram criadas pelo ferreiro, Manuel Joaquim Bolinhas, em virtude das necessidades suscitadas pelo próprio trabalho.

INSTRUMENTOS MUSICAIS

Nome: **António Manuel Escada**

Idade: **45 anos**

Estado Civil: **Casado**

Grau de Instrução: **2º Ano do Ciclo Preparatório**

Natural: **Baixa da Banheira,**
Concelho: **Moita,**
Distrito: **Setúbal**

Residente: **Moita**



António Manuel Escada foi soldador até meados do ano de 1988, mas como ficou desempregado, resolveu enveredar por um tipo de profissão que lhe proporcionasse mais prazer e, assim surgiu-lhe a ideia de fazer instrumentos musicais de corda, decorrendo a sua aprendizagem de toda uma acção prática. Conforme nos referiu: "Desde muito novo que tenho interesse pela música, ainda que não saiba qualquer nota musical. Era miúdo ía às carpintarias e pedia restos de madeira, para fazer este tipo de instrumentos. Há uns anos atrás, comprei um álbum do Júlio Pereira e como trazia várias fases de construção do cavaquinho, comecei, a partir daí, a trabalhar, rectificando sempre alguma coisa que estivesse errada."

Na sua opinião a última fase, chamada de acabamento, é a mais difícil. Segundo nos explicou, começa primeiramente por fazer um desenho padrão, depois passa, seguidamente, para a construção dos instrumentos, contudo não pode seguir um processo contínuo, já que na fase de colagem as peças têm que estar uma horas a secar.

Actualmente trabalha num sotão, facto que dificulta um pouco o exercício da sua profissão, pois nos dias de Verão o ambiente torna-se insuportável, por ser demasiado quente. Daí a razão porque, muitas das vezes, vem para a rua executar os seus instrumentos, altura que as crianças aproveitam para lhe fazer perguntas.

A nível da comercialização ainda não divulgou muito as suas peças, mas pensa que se forem conhecidas terão venda nas casas da especialidade. Por outro lado, como não está a viver exclusivamente deste tipo de trabalho, não sabe se os rendimentos que daí pode retirar serão ou não suficientes.



Peças Executadas	Matérias Primas	Outros Materiais	Ferramentas	Máq. Eléctricas
- Cavaquinho	- Mogno (a)	- Corda de aço	- Grosa	- Lixadeira
- Viola	- Esprusse (a)	- Vernizes	- Formões	- Berbequim
- Guitarra	- Nogueira (a)		- Serra de recorte	
- Bandolim			- Plaina	

Nota: (a) Todas estas madeiras são devidamente cortadas nas estâncias.

Nome: **Inácio da Conceição Pereira**
 Idade: **61 anos**
 Estado Civil: **Casado**
 Grau de Instrução: **Curso de Formação de Electricista**
 Natural: **Barreiro,**
 Concelho: **Barreiro,**
 Distrito: **Setúbal**
 Residente: **Arroteias, Alhos Vedros**



Inácio da Conceição Pereira iniciou-se como autodidacta na construção de banjos. O seu entusiasmo por este tipo de trabalho começou por mera casualidade: um banjo pertença de um amigo quebrou-se e ele teve que construir um outro para o substituir.

A partir daí, através de novas tentativas e criando novos processos foi aperfeiçoando a técnica, de forma que os instrumentos actuais são mais resistentes que os primitivos. Por exemplo, o braço sendo a parte mais frágil do banjo, o Sr. Inácio dedicou-lhe uma maior atenção, introduzindo um veio de aço no interior para o tornar mais forte, o próprio fundo foi também reforçado.

Tecnicamente utiliza moldes de madeira e a partir deles vai construindo as peças para um determinado número de banjos. Estas peças depois de cortadas, de acordo com as medidas pré-definidas, são coladas e na fase final do processo, o fundo e o braço são embelezados com motivos decorativos, esculpidos na própria madeira.

Segundo nos disse, este trabalho requer três condições essenciais, muita paciência, habilidade manual e alguns conhecimentos de trabalho oficinal. Sem estes predicados não é possível fazer os banjos.

Este é um trabalho de entretenimento, pois em termos de rendimento não compensa o tempo dispendido. Só vende quando surge essa oportunidade, mas grande parte destina-se a ofertas.

Matérias Primas	Outros Materiais	Ferramentas	Máquinas Eléctricas
- Madeira Exótica (a)	- Latão - Cola - Pele - Cordas	- Ferro de soldar (b) - Serras - Limas	- Engenho de furar - Serra

Nota: (a) Utiliza madeiras exóticas, de preferência, isenta de veios, de textura lisa, por causa da ressonância dos sons.

(b) O ferro de soldar é utilizado para unir partes que não são visíveis.

LATOARIA

Nome: **Francisco Pedroso Domingos**
(Chico Funileiro)

Idade: **69 anos**

Estado Civil: **Casado**

Grau de Instrução: **Analfabeto**

Natural: **Moura,**
Concelho: **Moura,**
Distrito: **Beja**

Residente: **Moita**



Francisco Pedroso Domingos começou a trabalhar na latoaria com doze anos de idade, andava, nessa altura, com o pai de porta em porta, com uma caixinha às costas a consertar tachos e todo o tipo de objectos, que lhe eram entregues, mas só aperfeiçoou a sua arte na Casa Bonjour, na Moita. Conforme nos disse, é uma profissão de família que passa de pais para filhos. Presentemente trabalha com o irmão e com o filho.



Nunca teve aprendizes na sua oficina, pois como nos afirmou: "As pessoas não querem aprender isto e eu também não tenho a possibilidade de os ter cá".

No âmbito da comercialização, acrescentou-nos: "As peças são procuradas mas também depende das épocas, há muita coisa que não conseguimos vender, aquilo que vendemos com mais facilidade são os regadores e os comedouros. Se houvesse mais procura, poderíamos fazer mais peças, mas há já uns dias que temos pouco que fazer, os plásticos acabaram com este tipo de profissão".



Francisco costuma vender a sua manufactura directamente aos consumidores, quer na sua loja/oficina, quer nos mercados da Moita. Os lucros que obtém dessas vendas, vão dando para a sua sobrevivência.

Peças Executadas	Matérias Primas	Ferramentas	Máquinas Manuais
- Regadores - Bilhas para o leite - Talhas para o azeite - Comedouros p/ galinhas/coelhos - Bebedouros - Caixas do correio - Baldes - Seringas em inox - Ferrados - Funis	- Chapa zincada - Inox - Alumínio - Folha de flandres	- Tesoura - Compasso	- Fieira - Calhandra

MINIATURAS
EM
MADEIRA

Nome: **Ivo Cardoso Mirra**

Idade: **70 anos**

Grau de Instrução: **Sabe ler e escrever**

Natural: **Alcácer do Sal,**

Concelho: **Alcácer do Sal,**

Distrito: **Setúbal**

Residente: **Baixa da Banheira**



Ivo Cardoso Mirra foi corticeiro, mais tarde emigrou para a Alemanha onde exerceu, durante doze anos, a profissão de ferreiro. Foi nessa época que nasceu a ideia de fazer trabalhos em madeira e a partir daí nunca mais parou, de forma que tem hoje uma colecção considerável de peças. Estas são essencialmente decorativas, retratam animais, nas mais diversas posições.

Segundo nos disse é um trabalho que exige "saber cortar a madeira com a serra". Na fase final utiliza lixa para moldar e arredondar os cantos.

Para executar uma peça leva cerca de meio dia e às vezes mais tempo, tudo depende do seu grau de dificuldade.

Quanto à comercialização disse-nos: " As pessoas têm muito interesse em comprar, mas quando se fala em preços ficam logo desinteressadas. Os centros comerciais querem comprar, mas barato."

Esteve há uns anos atrás, por convite do Ginásio Atlético Clube da Baixa da Banheira, a ensinar adolescentes entre os 13-15 anos. Mas um dos seus sonhos que não chegou a concretizar, foi abrir uma pequena oficina, onde estivesse a ensinar rapazes.

O senhor Ivo Mirra terminou a nossa conversa da seguinte forma:

Sou Ivo Cardoso Mirra

Nasci em Alcácer do Sal

Numa terra bem velhinha

Meu pai chamava-se António

E minha mãe Ambelina

Fui trabalhar para Alhos Vedros

Que não fui eu o primeiro

Emigrei para a Alemanha

Para trabalhar de ferreiro

Quero voltar a Portugal

Para ser corticeiro.

Matérias Primas	Outros Materiais	Ferramentas	Máquinas Eléctricas
- Madeira	- Verniz Sintético - Lixa	- Canivete - Grosa - Serrote	- Berbequim - Serra electrica



Nome: **João Pedro Viegas**

Idade: **81 anos**

Estado Civil: **Casado**

Grau de Instrução: **Analfabeto**

Natural: **Viana do Castelo,**

Concelho: **Viana do Castelo,**

Distrito: **Évora**

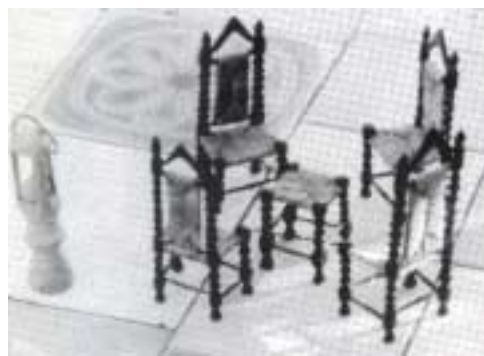
Residente: **Arroteias. Alhos Vedros**

João Pedra Viegas foi, durante muitos anos, trabalhador rural no Alentejo, mais tarde veio trabalhar para o Barreiro e Baixa da Banheira, na construção civil. Após a reforma dedicou-se à construção de cadeiras e mochos com fundos de palhinha, para ocupar o tempo e como um meio de complementar a sua parca reforma. Inicialmente começou por fazer essas cadeiras em tamanho natural, mas com o aperfeiçoamento da sua arte, passou também a produzir miniaturas de várias medidas.

Para fazer uma destas miniaturas leva cerca de um dia e meio, pois o trabalho é muito minucioso e exige muita calma e paciência.

A sua aprendizagem resultou da acção prática, desenvolvida a partir de uma miniatura que adquiriu na Feira de Barba.

Quanto ao processo técnico explicou-nos: "Primeiro corto as madeiras, tiro as medidas e faço os furos, depois começo a fazer os enfeites na madeira e por fim são empalhadas com junça, tabua ou buinho."



No que se refere à comercialização não tem sentido grandes dificuldades de venda, satisfaz as encomendas que aparecem e ainda vende muito daquilo que tem em stock. Segundo palavras de João Pedro Viegas: " Até já tenho vendido conjuntos para a Alemanha."

Denunciou algumas dificuldades de ordem visual, mas por gosto e dedicação mantém-se a trabalhar, lamenta, no entanto, não ter filhos que dêem continuidade ao seu trabalho.

Matérias Primas	Outros Materiais	Ferramentas
- Madeira de Pinho - Junça (a) - Buinho (a) - Tabua (a)	- Cola - Lixa	- Berbequim - Navalha - Serrote

Nota: (a) Plantas herbáceas que nascem espontânea mente em Portugal.

**NÓS
DE
MARINHEIRO**

Nome: **Eduardo Manuel Valente Rodrigues**

Idade: **28 anos**

Estado Civil: **Casado**

Grau de Instrução: **8º Ano**

Natural: **Sarilhos Pequenos,**

Concelho: **Moita,**

Distrito: **Setúbal**

Residente: **Sarilhos Pequenos**

Eduardo Rodrigues oriundo de uma família de marítimos, começou, desde muito cedo, a adquirir o gosto pelas artes de marinho. Com o pai foi aprendendo a pintar e a fazer alguns aprestos para as embarcações em miniatura. Mais tarde frequentou a Escola de Marinhagem em Paço de Arcos, onde aprendeu a executar alguns nós de marinho e a aperfeiçoar outros.

Actualmente constitui uma ocupação de horas livres, daí a razão porque não dispõe de um grande número de trabalhos.

Na sua opinião é uma arte que exige muita paciência, pois aquilo que à primeira vista se pode considerar fácil, torna-se difícil, sendo necessário dispendir muito tempo para fazer alguns dos nós de marinho. Depois destes estarem concluídos, tudo é colocado segundo uma ordem e para completar o quadro acrescenta-lhe ainda pequenas peças em madeira, as quais faziam parte das guarnições dos barcos.

Segundo nos disse, leva cerca de uma semana para fazer um quadro.

Matérias Primas	Outros Materiais	Ferramentas	Máquinas Eléctricas
- Madeira	- Meadas de algodão cru - Veludo - Vidro - Metais - Lixa	- Serrote - Canivete - Formão - Grosa - Lima	- Berbequim

OLARIA

Nome: **Joaquim Branco**

Idade: **87 anos**

Estado Civil: **Casado**

Grau de Instrução: **Analfabeto**

Natural: **Viana do Castelo,**
Concelho: **Viana do Castelo,**
Distrito: **Évora**

Residente: **Arroteias, Alhos Vedros**



Joaquim Branco iniciou-se na olaria com a idade de doze anos sob a orientação do pai, com quem aprendeu a arte de trabalhar o barro. Segundo nos afirmou é uma profissão que já vem do seu bisavô e a sua grande "pena" é os seus filhos não seguirem o seu ofício e diz-nos: "Eu ensinei os meus filhos e eles até tinham habilidade, só que não estavam interessados em aprender, distraíam-se com muita facilidade. Depois de crescidos empregaram-se na zona do Barreiro e viemos morar aqui para as Arroteias. Nessa altura, deixei de trabalhar no barro, uma vez que rareava na zona e fui para a construção civil como servente de pedreiro, mas após a reforma, retomei de novo a trabalhar na olaria."

Para Joaquim Branco a dificuldade deste ofício está em aprender a trabalhar com a roda de oleiro, facto que exige uma certa habilidade de mãos e uma grande concentração. Tecnicamente explicou-nos: "O barro tem que obedecer às mãos e não o contrário. Para o abrir utilizam-se os dedos e as mãos têm que o suste, de forma a que gire direito. Assim, enquanto a mão couber dentro da peça, a direita vai puxando o barro e a esquerda vai aparando, deixando a mão de caber, põe-se o dedo até terminar a peça."

Sobre a forma como cozer a louça disse-nos: "O cozer tem também a sua ciência, nunca se deve deixar a louça colada uma à outra para não se partir. Um ponto muito importante na sua cozedura é o aquecimento do forno, este tem que estar todo em brasa por dentro. No entanto, as peças vidradas necessitam de uma temperatura mais elevada e de um maior tempo."

No que concerne à comercialização, Joaquim Branco costumava vender as peças de olaria nas feiras do Alentejo e também no Algarve, onde tinha uma grande quantidade de clientes. Nessa época vendia as peças com muita facilidade, em contra partida ganhava-se muito pouco, visto que tinha muitas despesas: compra das lenhas, pagamento dos fretes e contribuições.

À pergunta se teve ou não aprendizes, respondeu prontamente e com uma certa vaidade: "Tive muitos aprendizes. Em Viana do Alentejo ensinei a um rapaz que, mais tarde, foi para a fábrica de Sacavém, onde foi mestre. Na idade em que estou também não posso trabalhar, mas ainda vou às escolas fazer demonstrações, já estive na Rua Augusta a trabalhar para os turistas, nas Faculdades e na Feira de S. Pedro de Sintra." E o nosso artesão termina a conversa com um certo brilho no olhar, reflexo de uma grande dedicação a esta arte: "Agora só gostaria de ter cinquenta anos para continuar com o meu trabalho."

Peças Executadas	Matérias Primas	Outros Materiais	Ferramentas
- Alguidares - Bilhas - Jarros - Potes - Vasos - Chaminés	- Barro	- Zarcão Vidrado	- Rodas de Oleiro - Formas de madeiras para os fundos de alguidares - Arame ou fio de pesca para cortar o barro - Pedaco de cana para alisar a peça exteriormente

REDES
DE
PESCA

Nome: **Francisco de Oliveira Durão**
(**Chico Russo**)

Idade: **72 anos**

Estado Civil: **Casado**

Grau de Instrução: **4ª Classe**

Natural: **Moita**,
Concelho: **Moita**,
Distrito: **Setúbal**

Residente: **Moita**



Francisco de Oliveira Durão não só se dedica à execução de cabazes, como também faz redes de pesca para capturar todo o tipo de peixe.

Aprendeu a fazer este tipo de trabalho em criança, com um pescador, a técnica, uma vez, aprendida, foi com o decorrer do tempo aperfeiçoada.

Conforme nos referiu, as redes são compradas em panos grandes e na sua oficina é que as corta e as arma. No entanto, estas não se destinam à venda, mas são para ele próprio ir, umas vezes por outras, à pesca.

Apesar de gostar muito de ensinar, não transmitiu os seus conhecimentos a nenhum dos seus filhos.

Quando lhe perguntámos se existia mais alguém a exercer esta arte, respondeu-nos prontamente: "Aqui na Moita não conheço ninguém que faça redes de pesca. Quando eu morrer termina este trabalho."

Peças Executadas	Materiais	Ferramentas
- Redes de Trmalho (a) - Arrastão (b) - Chinchas (c) - Chinchorros (d)	- Redes - Fio de nylon - Bóias de cortiça - Madeira - Corda - Chumbo	- Agulha (e)

- Nota: (a) As redes de trmalho são utilizadas na captura de peixes grandes.
(b) O arrastão serve para apanhar todo o tipo de peixe, mas é utilizado sobretudo na pesca do camarão.
(c) As chinchas são redes mais pequenas e como tal são empregues na pesca da enguia, linguado, chocos etc.
(d) Os chinchorros são redes maiores que as anteriores, mas a sua função é a mesma.
(e) As agulhas constituem a única ferramenta empregue neste tipo de trabalho e são feitas pelo próprio Francisco de Oliveira Durão.

TECELAGEM

Nome: **Francisco de Oliveira Durão**
(**Chico Russo**)

Idade: **38 anos**

Estado Civil: **Casado**

Grau de Instrução: **2º Complementar**

Natural: **Lisboa**,
Concelho: **Lisboa**,
Distrito: **Lisboa**

Residente: **Baixa da Banheira**

Maria Filomena iniciou-se ainda muito jovem, nos trabalhos de Tecelagem. Nessa altura, executava as suas peças em teares de cartão que ela própria fazia. Porém só começou a trabalhar neste ramo, a partir do ano de 1984, quando se cursou na Oficina de Tecelagem em Lisboa. Foi ligada a esta actividade que esteve a ensinar, há uns anos atrás, no Centro Cultural do Barreiro, alguns conhecimentos técnicos, mas segundo nos afirmou não houve um grande rendimento em termos de aprendizagem, pois não havia teares grandes.

Contudo, entende que a tecelagem é fácil de aprender, desde que as técnicas sejam compreendidas e assimiladas. A parte mais difícil é "vestir o tear", isto é, fazer a teia, já que se trata de uma tarefa morosa e cansativa.

Como é um ofício em que se dá "asas" à imaginação gosta imenso de executar esse tipo de trabalho, mas está longe de haver uma realização pessoal, uma vez que é difícil vender as peças por um preço ajustado, tendo, neste caso em conta o custo dispendioso dos materiais que são empregues na feitura dos tecidos. Por outro lado, refere não ter em casa um grande espaço, onde possa estar à vontade para trabalhar com o tear grande, daí estar limitada em termos de execução de certas peças, particularmente, as maiores medidas.

Tecnicamente explicou-nos: "Primeiramente temos que fazer a teia, a fase mais difícil da tecelagem, já que é necessário duas pessoas, uma para esticar e outra para enrolar o fio. Segue-se depois a trama que não é mais do que a tecelagem do próprio tecido. Além destes pontos, há ainda outros, tais como o tafetá (ponto liso), a sarja (ponto mais trabalhoso e consequentemente mais complicado) e o cetim." No entanto, segundo nos afirmou não é o feitura dos tecidos que desperta a atenção das pessoas, mas sim as cores.

Quanto à comercialização, nunca vendeu nenhuma peça fora do âmbito das exposições. Todavia, pensa que seria muito difícil viver única e exclusivamente desse tipo de actividade, dado os reduzidos rendimentos.

Peças Executadas	Matérias Primas	Outros Materiais	Ferramentas
- Saias - Coletes - Tapetes - Sacos - Quadros	- Lã de Arraiolos (a) - Lã fiada à mão (b) - Algodão (c) - Linho (d) - Folhas Secas	- Trapo	- Tear - Navetes

Nota: (a) A lã de Arraiolos é mais consistente e mais rentável, mas em contra partida é muito cara.

(b) Tal como a de Arraiolos, a lã fiada à mão é muito dispendiosa em termos de custos.

(c) O algodão normal é a matéria mais barata, mas não é tão rentável quanto a lã.

(d) O linho além de ser uma fibra rara, atinge preços elevadíssimos.

VELEIROS

NÁUTICOS

Nome: **Brás da Silva e José da Silva**

Idade: **80 e 69 anos respectivamente**

Estado Civil: **Casados**

Grau de Instrução: **4ª Classe; o segundo não sabe ler e escrever**

Natural: **Sarilhos Pequenos,**
Concelho: **Moita,**
Distrito: **Setúbal**

Residente: **Gaio**



Veleiros de profissão, os irmãos Brás começaram a exercer esta actividade desde muito novos, sob a orientação do pai, de quem mais tarde herdaram a oficina, onde trabalham presentemente.

É um trabalho difícil de aprender e que exige um grande dispêndio de força física, o que leva as pessoas, logo à partida, a desinteressarem-se por este tipo de actividade. Tal situação leva os irmãos Brás a opinarem o desaparecimento da profissão, uma vez que são eles os únicos desta zona ribeirinha, a executarem este tipo de trabalho.



Apesar dos seus filhos terem sido ensinados nesta arte, enveredaram por outras formas de emprego mais compensadoras. Além de terem ensinado aos seus filhos, deram, há uns anos atrás, orientação a jovens que frequentavam o curso de formação profissional, mas segundo nos afirmaram, o tempo não foi suficiente para aprenderem totalmente a profissão.

Antigamente eram solicitados por toda esta zona, não só para fazerem velas para as fragatas que cortavam as águas do Tejo, mas também para irem consertá-las. Agora na ausência deste tipo de trabalhos, executam outros. No entanto continuam a ser imensamente solicitados por estrangeiros, no que respeita à construção de velas. A este propósito fizeram referência a um trabalho que executaram para um francês que ganhou o primeiro prémio de um concurso de vela, realizado em França.

Em dias de Verão, os irmãos Brás trabalham no terreiro por ser mais espaçoso do que em casa, segundo nos disseram é também a época de mais encomendas, devido aos turistas estrangeiros.

Peças Executadas	Matérias Primas	Outros Materiais	Ferramentas	Máq. Manuais
- Velas - Ensarças (b) - Encerados para camionetas - Tendas - Bóias	- Algodão - Fio de algodão - Fio de linho	- Plástico (a) - Ilhózes - Polietileno - Néon	- Martelo - Tesouras - Maços - Macetas - Agulhas - Facas	- Máquina de coser

Nota: (a) Os irmão Brás utilizam plástico para fazerem coberturas para as camionetas.

(b) As ensarças são cabos de aço para os aparelhamentos dos barcos.

Nota Final

O presente trabalho apenas incidiu na recolha de elementos, referentes às actividades ditas tradicionais, como aliás já foi referido na primeira parte. Daí a razão porque não foram indagados alguns dos artesãos do concelho que, actualmente, exercem "artesanato urbano".

Temos, porém, consciência que este trabalho não abrange todos os artesãos, cujos trabalhos estão ligados às actividades tradicionais, pois uns por desconhecimento da sua existência e outros por dificuldade de contacto não foram igualmente incluídos.

Pretendemos, no entanto, actualizar o mais possível este Roteiro do Artesanato no concelho da Moita, retirando aqueles que por força das circunstâncias deixaram de exercer a actividade e integrando nele os novos artesãos, sempre numa perspectiva de inventariação, divulgação e caracterização.

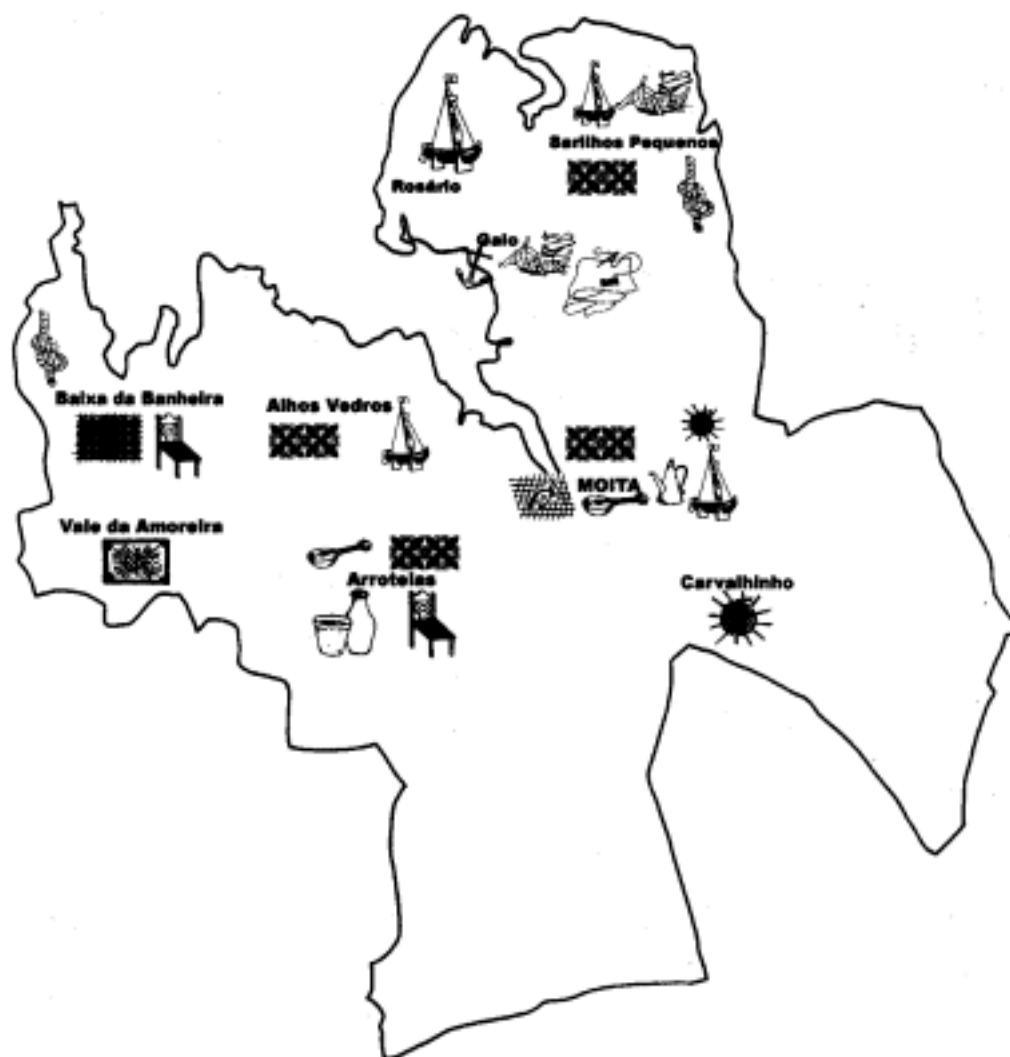
ANEXOS

Centro de Actividades Artesanais no Concelho da Moita

Freguesia	Lugar	Unidades	Actividades	Observações
Alhos Vedros	Arroteias	1	Azulejaria	Regular funcionamento
Alhos Vedros	Alhos Vedros	1*	Azulejaria	Regular funcionamento
Alhos Vedros	Arroteias	1	Instrumentos Musicais	Regular funcionamento
Baixa da Banheira	Baixa da Banheira	1*	Nós de Marinheiro	Regular funcionamento
Baixa da Banheira	Baixa da Banheira	1	Tecelagem	Prática artesanal pouco frequente no concelho
Baixa da Banheira	Baixa da Banheira	1	Miniaturas de Madeira	Prática artesanal pouco frequente no concelho
Gaio/Rosário	Gaio	1	Estaleiro Const. Naval	Regular funcionamento
Gaio/Rosário	Gaio	1	Veleiros Náuticos	Em vias de extinção
Gaio/Rosário	Gaio	1	Ferreiro Naval	Em vias de extinção
Gaio/Rosário	Rosário	1	Barcos em Miniatura	Regular funcionamento
Moita	Moita	2	Barcos em Miniatura	Regular funcionamento
Moita	Moita	2	Cestaria	Em vias de extinção
Moita	Moita	1	Instrumentos Musicais	Regular funcionamento
Moita	Moita	1	Latoaria	Em vias de extinção
Moita	Moita	1	Redes de Pesca	Em vias de extinção
Moita	Chão Duro	1	Azulejaria	Regular funcionamento
Sarilhos Pequenos	Sarilhos Pequenos	5	Barcos em Miniatura	Regular funcionamento
Sarilhos Pequenos	Sarilhos Pequenos	1	Estaleiro Const. Naval	Regular funcionamento
Sarilhos Pequenos	Sarilhos Pequenos	1	Nós de Marinheiro	Regular funcionamento
Sarilhos Pequenos	Sarilhos Pequenos	1	Azulejaria	Regular funcionamento
Vale da Amoreira	Urb. Fontainhas	1	Arraiolos	Regular funcionamento

* Estas unidades artesanais não foram inquiridas, no entanto consideramos importante incluir estes centros de trabalho no quadro para podermos ver a sua representatividade no concelho da Moita

Localização das Actividades Artesanais no Concelho da Moita



Arraiolos
- Vale Amoreira



Latoaria
- Moita



Azulejaria – Arroteias,
Alhos Vedros, Moita e
Sarilhos Pequenos



Miniaturas de Madeira
- Arroteias, Baixa da
Banheira



Barcos em Miniatura
- Moita, Rosário,
Sarilhos Pequenos e
Alhos Vedros



Nós de Marinheiro
- Sarilhos Pequenos,
Baixa da Banheira



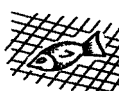
Cestaria
- Carvalhinho e Moita



Olaria
- Arroteias



Construção Naval
- Gaio e Sarilhos
Pequenos



Redes de Pesca
- Moita



Ferreiro Naval
- Gaio



Tecelagem
- Baixa da Banheira



Instrumentos Musicais
- Moita, Arroteias



Velas
- Gaio

Roteiros

A existência de ofícios característicos, bem como de outras actividades tradicionais no Concelho da Moita, dá-nos a possibilidade de efectuar percursos numa dupla perspectiva:

- Um percurso pelas actividades associadas aos trabalhos ribeirinhos: Os estaleiros, as velas, o ferreiro naval, as miniaturas dos barcos tradicionais e as redes de pesca.
- Um percurso pelas actividades associadas à vida doméstica e aos trabalhos agrícolas: A latoaria, a cestaria.

Bibliografia

AFONSO, Belarmino - "A Cestaria um Trabalho Artístico e Artesanal das Nossas Terras" in Brigantia. Bragança, Vol. 1, Nº 1, Abril-Junho de 1981

Artes e Tradições de Abrantes. Lisboa, Edições Terra Livre, 1983

Artes e Tradições de Barcelos. Lisboa, Edições Terra Livre, 1979

Artes e Tradições de Évora e Portalegre. Lisboa, Edições Terra Livre, 1980

"Artesanato" in Focus Enciclopédia Internacional. Lisboa, Sá da Costa, Vol. I, 1964, p.272-273

"Artífice ou Mesteiral" in Focus Enciclopédia Internacional. Lisboa, Sá da Costa, Vol. I, 1964, p.273

BAIÃO, R. J.-"O Artesanato e o Desenvolvimento Comunitário" in Mensário Administrativo. Luanda, Nºs 186-191, Janeiro-Junho de 1963, p.21-33

Colóquio Sobre Artesanato. Coimbra, 8-11 de Novembro de 1979

CORREIA, Alberto - Artesanato Duas Faces de uma Cultura. Coimbra, Serviços Municipais de Cultura e Turismo de Coimbra e Instituto Português do Património Cultural, 1982

EÇA, Maria Natália de - Roteiro. Artesão Português - Alentejo. Porto, Edição do Autor, 1986

IDEM - Roteiro. Artesão Português - Trás-os-Montes e Alto Douro. Porto, Edição do Autor, 1988

FERREIRA, José Maria Cabral - Artesanato. Cultura e Desenvolvimento Regional. Lisboa, Imprensa Nacional, 1983.

FOURQUIN, Guy - História Económica do Ocidente Medieval. Lisboa, Edições 70, 1981

GALHARDO, Maria de Aguiar - "Artesanato" in Enciclopédia Luso-Brasileira da Cultura. Lisboa, vol. II, 1964, p. 1419-1422

LEROI-GOURHAN, André - Evolução e Técnicas.1-O Homem e a Matéria. Lisboa, Edições 70, 1984

MÓNICA, Maria Filomena-Artesãos e Operários. Lisboa, Edição do Instituto de Ciências Sociais, 1986.

SILVA, Augusto Santos - Artes Tradicionais Portuguesas e Formas Modernas de Promovê-las. Porto, Centro Regional de Artes Tradicionais, 1987.

SOUSA, Antero Moura Fernandes de- "Arte Popular" in Brigantia. Bragança, vol. 1, Nº2, Julho - Setembro de 1981, p.151-152

VASCONCELOS, José Leite de - "Fontes de Investigação Etnográfica" in Boletim de Etnografia. Lisboa, nº 56, 1937